

VAI SER ENCARADA

no Congresso Universitário

promovido pela Juventude Católica

a necessidade de formação

de autêntica consciência nacional



CONFORME o «Diário da Manhã» oportunamente anunciou, vai realizar-se, em Lisboa, de 15 a 19 de Abril próximo, o primeiro Congresso Nacional da Juventude

Universitária Católica, em que participam as Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, em expressiva afirmação de uma verdadeira Presença da Juventude no

estudo e solução dos grandes problemas contemporâneos. Os objectivos do Congresso e as suas perspectivas eis o tema da entrevista que tivemos com os presidentes da respectiva comissão executiva — o sr. dr. Adérito Nunes, presidente-geral da J. U. C. e D. Maria de Lourdes Pintassilgo, que exerce idênticas funções na J. U. C. F. — dois jovens, que consagraram a sua juventude ao apostolado da Acção Católica e que se impuseram ao respeito incondicional da actual geração universitária; dois jovens, cujas desassombradas e inteligentes declarações constituem um testemunho que muito nos apraz registar:

Fundação Cuidar do Futuro

— Para qué e por qué este Congresso?

E' o dr. Adérito Nunes o primeiro a responder:

— Como sabe, a Universidade atravessa hoje uma crise, a que muito justamente já se chamou mundial e que tem as mais profundas repercussões sobre a sociedade e a cultura contemporâneas...

— Não quer concretizar melhor?

— A Universidade deve ser, ao mesmo tempo, formadora de homens — e não de homens quaisquer, mas dos mais responsáveis e influentes na vida social — e disciplinadora da inteligência. Dela saem, de facto, aqueles que, amanhã, serão os elementos condutores da sociedade nos diversos campos da cultura, da economia, da política. Aqueles que não-deguiar as multidões pela influência dos seus actos, pelas suas ideias, pelas suas atitudes. A projecção cultural e social da Universidade é, por isso, enorme.

— E será assim igualmente benéfica?

— Infelizmente, bem sabemos que não. A Universidade de hoje, continuando com a responsabilidade de formar os orientadores da sociedade, na prática, não só não os forma, como, em grande parte, os deforma...

— E's uma acusação grave.

— Mas exacta. Pelo seu carácter tecnicista e acultural, a Universidade dá, hoje, uma visão essencialmente incompleta e disforme, da realidade.

— Mas esse problema não é exclusivo da Universidade portuguesa...

— Claro que não. Como já lhe disse, é mundial e tem desperta-



NECESSIDADE DE FORMAÇÃO de autêntica consciência nacional

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)
do ultimamente a maior atenção em todos os países civilizados. São incontáveis as conferências, congressos, colóquios, reuniões de estudo que se têm realizado por toda a parte, no plano nacional ou internacional sobre a Universidade. O problema é tão grave que a ninguém com responsabilidades na vida universitária e social é lícito alhear-se dele. Com o nosso Congresso, aqui estamos cumprindo o nosso dever de presença.

— E' pois, a primeira iniciativa no género no nosso País?
Cabe à presidente geral da J. U. C. F. a vez de responder:

— E', na verdade, a primeira vez que os universitários católicos portugueses se vão reunir, em toda a sua força, para publicamente darem testemunho da sua presença na vida da Nação, como católicos e como universitários. Até agora, por várias ocasiões, os dirigentes dos dois Organismos — J. U. C. e J. U. C. F. — se têm reunido em encontros nacionais, onde houve sempre linhas directivas idênticas às que norteiam a preparação do nosso Congresso. Mas pelas próprias características desses encontros, a sua projecção era necessariamente menor e o campo dos seus temas de estudo mais limitado.

A iniciativa da realização do Congresso encontrou, nas Universidades o melhor acolhimento

— E, digam-nos: como foi aceita a iniciativa?

— O melhor possível — elucida-nos o presidente da J. U. C. — Nesta altura, a um mês do Congresso, já temos mais de mil congressistas inscritos de Lisboa, Coimbra e Porto. Perante a extraordinária afluência de inscrições, fomos até obrigados a rever todo o programa do Congresso...

E' Maria de Lurdes Pintassilgo interrompe, com vivacidade, a confirmar as declarações do seu colega na comissão executiva do Congresso.

— Note ainda o facto de termos recebido cerca de 4.000 respostas aos inquéritos lançados aos universitários no trabalho de preparação do Congresso. Só por si, tal facto seria suficiente para revelar o interesse que a nossa iniciativa despertou no meio universitário português normalmente indiferente e apático perante questionários ou tarefas que saiam fora da rotina habitual...

— Ainda bem...

— E'-nos muito grato registar, também, o interesse do corpo docente das nossas quatro Universidades pelo Congresso. A prova está no número de adesões de professores universitários que nos querem honrar, quer com a sua preciosa colaboração, quer com o estímulo da sua presença...

— Querem dizer-nos quais os temas que vão ser tratados?

— O tema geral — responde-nos o presidente da J. U. C. — é «O Pensamento Católico e a Universidade», mas os trabalhos do Congresso vão girar sobre dois eixos complementares: um, teórico — o que a Universidade deve ser; outro, de crítica da presente situação universitária — o que a Universidade é actualmente. O primeiro aspecto foi desdobrado em cinco temas: Origem e Evolução da Universidade, Fins da Universidade, Vida Institucional da Universidade, Responsabilidade Social da Universidade, Universidade e Igreja. Estes temas serão relatados pelos eminentes professores catedráticos cujos nomes o «Diário da Manhã» já publicou. O segundo aspecto foi desdobrado em 10 temas, desde os problemas económico-sociais até os culturais e ideológicos, passando pelos profissionais, de estudo, religiosos e morais, etc. Sobre cada um destes temas foram lançados inquéritos, ao todo 151, que nos permitirão elaborar uma exposição muito completa e objectiva sobre todos os aspectos da vida universitária em Portugal. Estes trabalhos estão à cargo de estudantes dos anos mais adiantados e de alguns recém-licenciados.

— Uma pergunta, ainda: o vosso Congresso, terá, apenas, âmbito metropolitano?

— Refere-se ao problema concreto de uma universidade ultramarina?

— Não só a esse, mas a todos os outros. Podemos, contudo, se não se importa, falar da hipótese de uma universidade ultramarina...

— Sobre isso, apenas lhe posso dizer que, segundo o nosso pensamento, a tese «Responsabilidade Social da Universidade» será orientada no sentido de fornecer uma visão do que importa fazer para levar a Universidade a ocupar na vida portuguesa o lugar que, pela sua natureza e fins, lhe cumpre preencher. E' possível que o ilustre relator encarregado dessa tese aborde, nesta ordem de ideias, as vantagens ou desvantagens de uma Universidade no Ultramar. De qualquer modo, o Império estará presente pelos seus estudantes inscritos no Congresso, os quais al poderão levantar esse e outros problemas especificamente imperiais...

D. Maria de Lurdes completa com precisão com nitidez, as palavras do sr. dr. Adérito Nunes.

— Além disso, ao ser encarada a formação que o estudante recebe na Universidade não pode deixar de se fazer referência à necessidade de formação de uma autêntica consciência nacional. Nela se inclui, portanto, o conhecimento das grandes potencialidades ultramarinas e da responsabilidade que ao universitário cabe na explicitação dessas potencialidades e na manutenção da unidade imperial que fizeram de Portugal um caso único na colonização...

O problema da cultura religiosa na Universidade

— Serão, apenas, os juelistas a participar no Congresso, dr. Adérito Nunes?

— Não. Neste momento, já há um número apreciável de inscrições de rapazes e raparigas não filiados na J. U. C. ou na J. U. C. F. No entanto, o Congresso é predominantemente destes dois organismos.

— Qual o problema universitário que merece maior interesse aos organizadores?

— A necessidade instantânea de a Universidade cumprir integralmente a sua missão de orientadora da Civilização e da Cultura. O nosso tempo requer orientadores realmente capazes de orientar; a Universidade tem de fornecer-lhos. Por outro lado, sendo a Universidade o ponto de maior concentração do saber e da cultura na estrutura da Nação, ela tem de ser um foco irradiante de orientações para a vida nacional, não se alheando dos seus problemas, mas estudando-os e procurando para eles soluções, sãs quanto aos princípios, sólidas quanto à base científica, eficazes quanto à aplicação prática. Tudo isto supõe uma posição doutrina-

ria, uma preocupação social e uma capacidade de síntese, que, de toda a evidência, a Universidade não possui actualmente, embora sejam essenciais à sua mesma definição.

— Quanto ao problema da cultura religiosa na Universidade, será também apreciado?

— Como o não seria num Congresso católico? E' evidentemente uma das preocupações mais vivas que nos animam, de tal modo que, além de múltiplas referências a propósito de outros problemas, lhe dedicamos, expressamente, uma tese (Universidade e Igreja) e três reuniões parciais (Universidade Católica, Apostolado Universitário e Problemas religiosos e morais dos universitários).

E D. Maria de Lurdes Pintassilgo prossegue:

— Examinaremos a situação actual nas suas causas fundamentais e nos factores condicionantes; procuraremos definir as soluções institucionais que se impõem; e, porque cultura religiosa não é repositório de verdades ressequidas pelo tempo, mas força viva determinante de uma nova estrutura individual e social, estudaremos o aspecto essencialmente dinâmico da cultura religiosa; o apostolado universitário, nas grandes linhas da nossa acção juicista procurando ir ao encontro das necessidades actuais.

— Como vai ser considerado o problema do papel da universitária com vista às suas futuras responsabilidades profissionais e familiares?

O Congresso considerará o problema da mulher na Universidade

E' ainda a presidente juicista quem responde:

— E' claro que o problema da presença da mulher na Universidade não pode deixar de ser encarado num Congresso onde se pretende dar uma visão completa e actual da Universidade. Embora todas as teses e relatos interessem de igual modo, o homem e a mulher da Universidade, quisemos destacar, explicitando-o, o problema universitário feminino. Tal atitude foi em parte determinada pela necessidade de se fazer doutrina e de se darem directrizes sobre um assunto de tão grande importância para a valorização da própria mulher, para a conquista da plenitude da cultura, para o verdadeiro progresso espiritual da Nação. Assim posso responder, dizendo que o problema do papel da mulher universitária na profissão e na família será estudado à luz do Cristianismo, salvaguardando portanto todos os princípios éticos e religiosos que colocam a mulher e o homem em igual dignidade de pessoas perante Deus e que conferem à mulher o atributo honrosíssimo e inalienável de educadora, mãe no sentido mais lato da palavra. Isto supõe que se val estudar a missão específica e a responsabilidade da mulher universitária enquadrada na conjuntura social, económica e política dos nossos tempos. Analisaremos portanto o modo como a Universidade prepara actualmente a rapariga universitária para a missão especificamente feminina que lhe cabe na profissão que escolheu. Daremos algumas orientações para que a instituição universitária contribua mais eficazmente para a plena realização da missão da mulher no campo familiar, profissional e cultural.

Uma última pergunta ao sr. dr. Adérito Nunes — a pergunta que val ser o fecho da entrevista e cuja resposta desejamos que venha a corresponder, inteiramente, à realidade...

— São optimistas, em resumo, as vossas previsões quanto aos resultados do Congresso?

— Sim. Inteiramente optimistas. Os sinais de interesse de que há pouco lhe falamos, o carinhoso apoio que temos recebido do Venerando Episcopado, a categoria dos mestres que nos deram a honra de colaborar connosco, o que neste momento já se conhece dos resultados dos inquéritos, a inquietação sobre os destinos da Universidade que encontramos geralmente nas personalidades ligadas à vida universitária, não nos deixam dúvidas acerca da verdade das palavras que o sr. Ministro da Educação Nacional teve a gentileza de nos dirigir ao receber a Comissão Executiva: «o vosso Congresso vai ser um verdadeiro acontecimento nacional».